

## LIÇÃO CRÍTICA: A REPETIÇÃO SEGUNDO DELEUZE E SARAMAGO

Prof<sup>a</sup> Ms Madalena Machado (UNEMAT/FAPEMAT-UFRJ)

RESUMO: A imagem conhecida do homem que se vê repetido num filme dá margens para pensarmos o quanto a repetição figura como *ethos* constitutivo de um personagem que se vê enquanto erro. O senso comum destruído pelas vias da identidade fixa perde terreno em meio aos atributos dialéticos, o que facilita ao homem iniciar um caminho ignorando o resultado mediante o devir de que se ocupa. O trabalho procura situar o personagem nesta compreensão.

PALAVRAS-CHAVE: repetição; homem; literatura; teoria

ABSTRACT: The man's known image that sees him repeated in a film he gives margins for we think the as the repetition represents as a character's constituent *ethos* that sees him while error. The common sense destroyed by the roads of the identity fastens loses land amid the dialects attributes, what facilitates to the man to begin a road ignoring the result by the future that he is in charge of. The work search to place the character in this understanding.

KEY WORDS: repetition; man; literature; theory

No romance *O homem duplicado* (2002) José Saramago compõe um personagem ansioso por saber quem é. O Senso Comum de iniciais maiúsculas está presente principalmente na primeira parte do conhecimento

que Tertuliano Máximo Afonso, o protagonista arrisca. Desafiado por esta criatura ficcional incomum, o duplicado é instigado a agir mecanicamente em situações cujo critério é a reflexão e, assim se juntar a opinião corrente. Em outros momentos não menos decisivos é aconselhado a adiar o enfrentamento dos dilemas vitais ao seu problema, como não querer uma resposta ao caso da duplicação. Também é típico do Senso Comum incitar desejos de vingança fazendo disso algo eminentemente humano; aconselhar cautela para se evitar a tragédia final da história do homem duplicado. Contudo, o equilíbrio ditado pelo Senso Comum se perde em meio à diversidade da vida forçando Tertuliano a agir pois, se descobre um ser humano sabendo-se errado. Como bem destaca Rita Ferreira (2004, p. 70) na inquirição identitária do romance o Senso Comum pode ser visto como outra forma de duplo cujo objetivo é travar o processo de desalojamento do personagem. Partindo deste conhecimento, o erro se transforma no traço de união (a dúvida) entre ele e António, o ator do filme, embora a princípio negado por ambos. Ao questionar acerca do erro e seu entorno, já conota iniciativa tímida ao rompimento com o Senso Comum. Com isto, o professor demonstra vontade própria e o simples característico ou mesmo requisitado na história alheia, se transforma na “indecisão, a incerteza, a irresolução, (...)” (SARAMAGO, 2002, p. 32) constantes na vida do homem marcado pelo duplo. Ao não recusar-se a desconhecer a crise, prosseguindo na precariedade, busca o desconhecido apenas com a intuição de que isso poderia modificar sua vida.

Da presença do senso comum no livro, aproveitamos a idéia segundo a qual os valores propugnados pela Modernidade (exemplo, autonomia ampla) fracassaram e o resultado foi o esvaziamento do “eu”, nosso destaque para os

protagonistas da narrativa de Saramago. A razão típica – exigência do senso comum, as advertências no caminho do protagonista se desmantelam em momentos desse tipo: “não é saudável para o espírito viver o tempo todo com o senso comum.” (SARAMAGO, 2002, p. 156).

Para podermos entender como o personagem Senso Comum adquire *status* de personagem com força argumentativa inclusive, persuadir o protagonista de *O homem duplicado*, passamos agora a fazer incursão ao texto de Gilles Deleuze (1925-1995). No livro *Lógica do sentido* (2003) compreendemos o sujeito imerso num mundo de dupla direção, propenso ao paradoxo, “em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas.” (p. 03). Pois bem, o romance está neste vão onde o bom senso não tem mais lugar cativo devido ao imponderável da duplicação, igualmente não cede espaço para as identidades serem fixas tal a solicitude do Senso Comum. Os atributos dialéticos dos acontecimentos ligados à história do homem duplicado têm a força ou os efeitos propulsores deste homem (in)comum à subversão do iniciado pelo Senso Comum. Num processo parecido a Deleuze, cujo pensamento procura nos Estóicos o denominador a respeito do ilimitado, o qual sobe à superfície num ritmo de devir-inacabado, inevitavelmente se depara com paradoxos e a inventividade; Saramago no diálogo dos dois personagens mencionados, encaminha a leitura de *O homem duplicado* ao infinito do ritmo humano.

Deleuze pesquisa no personagem Alice de Lewis Carroll, a descoberta das coisas por esta situadas na fronteira, por isso libera seu duplo corporal. Ela perde seu nome, não sabe mais quem é; ao não saber mais de si adquire o

senso do acontecimento e em decorrência libera o duplo incorporal. Alice é o parâmetro para o pesquisador observar nos acontecimentos à volta a busca de seu sentido e, localizá-lo sob a forma de designação, manifestação ou significação requer um sentido pressuposto para se chegar a nomeação. Porém, se não estiver expresso é recoberto de esplendor ineficaz, impassível e estéril como ensina Deleuze. Para ele o acontecimento é o próprio sentido (2003, p. 23). Este, identificado no atributo dos estados de coisas, chama atenção para a dualidade: designação e expressão. O designado nem sempre está expresso e vice-versa; necessário é passar para dentro do espelho para nos certificarmos de quem somos, como o faz Alice.

O alcance se identificado com a fronteira, o corte ou a articulação da diferença entre os dois não é garantia para atingir o significado das palavras pronunciadas. O certo é a acepção só adquirir importância se abrir novos sentidos por meio de questões renovadas; assim, a expressão “duplo sentido” exclui o bom sentido possível na relação das proposições proliferantes. Resultante da dualidade, o significado não é nunca o próprio sentido, é o conceito. Para Deleuze o *Aion*, ou seja, o tempo dos acontecimentos-efeitos, algo prestes a ocorrer, vai se passar, portanto, não é a atualidade mas, conto, novidade corrobora ao não-senso em seguida do sentido. Então, o inefável, impensável, Vazio mental, o *Aion* entram como força motriz a fim de que os paradoxos operem a gênese da contradição, por conseqüência, opõem-se à *doxa* compreendida enquanto bom senso e senso comum. O bom senso com sua idéia conciliatória subjacente, desempenha papel importante na determinação da significação, não na doação de sentido. A potência do paradoxo aqui, como propõe Gilles Deleuze (2003, p. 79) não consiste em

seguir a outra direção, mas em mostrar que o sentido toma sempre os dois sentidos, as duas direções ao mesmo tempo, portanto, abrindo-se ao problemático da vida.

Se a pergunta angustiante do homem duplicado envolve a busca de um sentido, (como Alice externa: em que sentido, em que sentido?) a pergunta não tem resposta, porque não se pode apontar a uma direção, ao “bom sentido”. O pensamento de Deleuze faz saber, no senso (sentido) comum, não se fala de direção mas, de órgão ou a capacidade de identificar a diversidade com a forma do Mesmo eleito. No caso, o Eu a perceber, imagina, lembra-se e pratica todos os atos comuns da vida. Dessa forma, chegamos à complementaridade entre o bom senso e o senso comum dada a submissão da vida indiferente à diversidade envolvente. Todavia, quando se atenta à diversidade do refratário à “lógica” da vida, atenta-se às funções e abismos do não-senso, à heterogeneidade das palavras aparentemente longe do amálgama daqueles inventores e até os usuários. A dualidade faz parilha com a palavra transformada em acontecimento, este procura a superfície para se impor como força de significação. Mas, se o mundo é feito com base na ótica do indivíduo e, se isso se expressa por meio das relações diferenciais e de singularidades adjacentes, resta saber em qual ponto reunir a indeterminação ao fato. Pelo estudo de Deleuze vemos que para Husserl a Filosofia sempre buscou romper com o senso comum formado já nesta teoria da constituição; bem como o indivíduo e a pessoa, o bom senso e senso comum são produzidos pela gênese passiva, equiparado aos últimos, são enfraquecidos por dentro com a presença do paradoxo. Por isso o sentido sendo duplamente gerador, problematiza bastante e soluciona bem pouco ou quase nada. Dito isto, não é

trazer à superfície o principal e sim, fazer mergulhar o pensamento na vida de profundidade. Entretanto, se “tudo o que acontece e tudo o que se diz acontece e se diz na superfície” (DELEUZE, 2003, p. 136), prevalece o modo duplo ao qual a superfície faz ver.

À pergunta-mestra a nos orientar desde o início do trabalho: o que é o homem? Tem em Deleuze a versão inicial de se poder designar um corpo, um objeto com o qual se pode de alguma forma tocar. Acompanhando seu raciocínio vimos acerca da linguagem a fraqueza em se fundamentar baseada mais na designação em detrimento da significação. Logo, entendemos, a pergunta perdura. Como prosseguir? Pela negação das coisas vistas e sentidas, os puros acontecimentos ou o exprimível com suas duas metades ímpares, é uma possibilidade sob a qual o vazio seja o lugar do sentido composto com o seu próprio não-senso. Porém, se o decifrável já não se encontra na superfície nem num fundo a ser desbaratado, o vazio, o não-senso recentes na relação de oposição binária ditarão os rumos do saber-fazer; ao suspender toda significação, designação e manifestação possíveis de se dizer o homem.

Com relação à ambigüidade da moral ou moralidade das palavras utilizadas em busca de um sentido, chegamos ao denominador comum incrustado entre as representações e as expressões, embora somente os acontecimentos incorporais constituirão o sentido expresso. Apesar de *Lógica do sentido* ressaltar, o sentido não é nunca objeto de representação possível, conforme a idéia clássica desta última. Ainda é preciso resgatar: o homem se torna digno de si na medida em que executa seu querer e procura capturar o acontecimento; fazendo-se renascer a cada instante, assim compreendido é

semelhante à “morte, duplo e impessoal em seu duplo.” (DELEUZE, 2003, p. 154). Neste prisma, toda vida passa a ser demolida se é o senso comum quem a orientou até o sentido não fazer sentido ou não ser o esperado. Tal pressuposto visto na leitura de *O homem duplicado*, traduz a afinidade singular entre modo e configuração dos personagens na obra literária a qual se firma numa reorientação ao sentido da vida procurado. São *a priori* e aceite como condição de ser – o direcionado pelo Senso Comum – perde a força de sentido por conta de estarem descartados os atributos corpóreos, encerradas as possibilidades de junção moral entres os seres da duplicação. De certa forma esse conselheiro já dispensado dos atributos de dar ou emprestar conselhos, sai de cena porque o personagem passa a ouvir a si mesmo por conta do espanto cotidiano a partir de sua nova condição.

O denominado por Deleuze de fissura é alternativa ao jogo de superfície, também impulsiona a descobrir como sair sem ficar à margem, como fazer sentido. Na hipótese da fissura não se estabelecer, o presente ganha representatividade por ser o tempo das misturas ou das incorporações. *Aion* sendo o tempo dos acontecimentos-efeitos, o sentido por insistência faz existir o expresso; na abundância, o acontecimento deve ser realizado embora não aconteça sem haver ruína. Resultante do presente, a expressão condiz com a convergência bem como a divergência como ingrediente essencial da teoria do sentido. Aqui cabe uma ligação com os acontecimentos unificados na duplicação do professor de História, porque ele e seu duplo perfazem aquela “confusão cruzada de becos sem saída” (SARAMAGO, 2002, p. 204) onde continua como antes, sem saber quem é, origem, destinação.

Acontecimento e sentido interligados por meio da linguagem terão sustentabilidade à medida que passarem pelo domínio do abismo. O vazio, a falta de sentido proporcionarão ao homem indisposto com o senso comum ou o bom senso para caminhar com passos mais seguros rumo ao vir a ser. Não significa entretanto, a provável demolição de toda e qualquer complexidade a sua volta, é, antes, a aceitação desta como forma de pertencimento do sentido. Seu entrelaçamento é o encaminhar à lógica partindo-se da fulguração do unívoco como discute Deleuze. Sem o mundo das essências e aparências para se nortear, o homem recém saído dos ditames do senso comum e bom senso, tenta por sua vez, fazer a diferença contanto se abstenha do método divisor. Então, se a distinção não pode se dar no nível das cópias pois se o fizer será admitir o pressuposto segundo o qual há um original a ser imitado, o simulacro, visto como imagem sem semelhança entra como via de acesso ao sentido procurado. No simulacro, o homem perde a identidade, a existência moral para adentrar na existência estética, por isso fica predisposto ao devir-louco, suporte ao rompimento dos limites. É quando adquire para si a subversão por princípio, avesso ao arremedo do igual, longe de querer sair da caverna da incompreensão, nela se aprofunda em busca de conceitos incompatíveis à similitude com os quais possa ser identificado. Também pressupondo desta, sua falta de aderência ao impulso de apreensão do ilimitado abrindo-se sobre o Ser; se nem assim o homem pôde sair da dupla exigência do Mesmo e do Semelhante, também o Mesmo foge ao princípio da razão suficiente. Com isso, a convergência ou a continuidade se mostram de igual maneira improváveis em fornecer a imagem solicitada. Tal é a condição do homem cujas relações com o Senso Comum foram rompidas em busca da disparidade.



No simulacro, a visão consensualista do senso comum cede espaço ao direito à discordância, antes de ser a exclusão do excêntrico e do divergente, ele se dá como um chamativo a estes. A experiência do real proporcionada pelo romance *O homem duplicado* como uma problematização do viver, introduz a constituição do caos por meio da dissimetria nos modos de pensar e ser dos homens apesar de juntos não fazerem a mesma história. Acoplando nossa hipótese interpretativa com o ensinamento de Deleuze, temos que a diferença na narrativa ocorre além de sua inclusão no enredo. Próximo à definição do simulacro o qual pensa “a similitude e mesmo a identidade como o produto de uma disparidade de fundo” (DELEUZE, 2003, p. 266), o mundo do duplicado se reveste da subversão ao negar original e cópia, modelo e reprodução e se inscrever num momento específico destituído da obrigatoriedade de se proceder a uma seleção. Sem dúvida há um desabamento no universo pacato do professor de História a princípio, em seguida do ator de cinema, isto, no entanto, não prefigura haver fundamento de uma experiência a se assegurar. Da expressão de Deleuze, a subversão do mundo representativo (2003, p. 269) entendemos tal mudança ocorrer naquele romance quando há a recusa em seguir um determinado tipo de comportamento, aparência, enfim a experiência não sentida nem incorporada, como uma máscara que se tira – na narrativa a fotografia – para encontrar outra logo após.

O divergente pontua o descentramento, também não tem mais uma ordem para seguir e é isso o auto-relevo na literatura de José Saramago. Para além da potência do simulacro na modernidade, o romance em estudo sobrepuja a apresentação do caos em condições adequadas ao simulacro se

efetivar. Também possa se levantar como um dado a se pensar, perceber ou imaginar, não se fecha em nenhum destes domínios muito menos pretende servir a nenhum tipo de representação. Assim, não é o simples fato das fitas dispostas em caos na sala de estar de Tertuliano Máximo Afonso o básico no recurso interpretativo da sua história; é o próprio caos, a “porta sem chave” (SARAMAGO, 2002, p. 200) onde ele se debate por uma saída na vida de agora e naquela adquirida ao conhecer seu outro eu. Nesse universo a única ordem é a do caos. Por esta razão lemos o desfecho do personagem sem escolha efetivada, num dilema em como ser para o mundo à espera da imagem conhecida e longe de qualquer suspeita. A propósito do elencado por Deleuze ao buscar em Epicuro e Lucrecio a tese segundo a qual, na Natureza não há combinação de elementos, não havendo mundo único ou universo total, compreendemos sobre os personagens à procura de sua feitura em compartimentos. Sendo de maneira a estilhaçar o todo pela convocação e aceitação do vazio de suas vidas se transformando no tamanho da falta de tudo já sentido e que se revela não poder preencher.

O fato do duplicado já colocar desde a descoberta de sua situação imprevista, o problema, inclusive se converter nele: há unidade entre meu corpo e a imagem do televisor? Já se constitui em abertura à pluralidade a que o humano se preencha com a inquietude dada à incompreensão do acontecimento no não-lugar e no não-tempo tipificados com a presença do homem duplicado. Mais uma vez o Senso Comum sai perdendo porque dissolvido o eu desse romance, a contrariedade dos gestos observados nos personagens indica o pensar e o sentir deles acima do visto ou expresso. Não está em jogo a repetição da pessoa Tertuliano Máximo Afonso pois o duplo, o

reflexo, o simulacro produz a diferença junto à semelhança do que difere. Conforme vimos em Deleuze “é a diferença que dá a ver e que multiplica os corpos; mas é a repetição que dá a falar e que autentifica o múltiplo, que dele faz acontecimento espiritual.” (2003, p. 298). A diferença no romance só foi percebida com base na igualdade aparente, algo de certa forma estimulante à multiplicação dos corpos. A repetição sendo refutada, foi a oportunidade do duplicado procurar caminhos a sua própria visibilidade como ser pensante, motivo dele se lançar à vida do pensamento, contrariamente ao recomendado pelo Senso Comum. Por isso, as conseqüências da duplicidade lhe tomam o tempo, a rotina, fazendo-se múltiplo da vida ou a chance real da morte, algo superior a uma faceta de cinema. É a incógnita sobre o fazer de si, ser sem autenticidade o mais preocupante ao homem desse romance.

Apesar de a identidade estar revogada na narrativa, o ser se autoprojetando do caos ao mesmo tempo fala e é falado. Ocupa o espaço a se ver e o falar pensamentado se abre à diferença a encontrar com base em todas as outras diferenças a se observar no mundo circundante. Na condensação do visto e sentido, o movimento do pensamento é o guia para a intensidade de ser efetivar e, principalmente seja notada como a diferença demarcadora da singularidade perseguida pelo personagem. Dessa forma, se o eterno retorno pode ser evocado na história do homem duplicado é o retorno do não-senso dentro de um mundo e de si mesmo, destituídos ambos de um conhecimento original ou escatológico.

O mundo do duplicado inicialmente sendo exclusivo, preenchido por outro é logo esvaziado com a morte de seu igual. Algo pretensamente revigorante – dentro do princípio egocêntrico encontrado nos personagens –

pois se encontra novamente sozinho para poder decidir sobre o específico e quem ser, passa a ser motivo de apreensão porque o homem sem outrem também significa a falta de sentido inesgotável. O outrem sendo a expressão de um mundo possível, faz-se o exposto ainda não constatado fora do exprimível. Logo, se o possível perdeu a aura de se passar como o real, é o homem sozinho quem deve colher a identidade requisitada; a presença do outro agindo como fantasma, marca a obstinação não daquela imagem a ser esquecida mas, de uma outra ainda sem personalidade posta de forma ininterrupta. Mesmo não havendo o outrem para tornar a percepção possível, esta advém da necessidade imperiosa de se conhecer apresentada por aquele personagem não mais duplicado pelas circunstâncias, o é entretanto, pela indecisão fustigante.

O eu de Tertuliano Máximo Afonso estraçalhado com a morte de António Claro disfarçado naquele, projeta ainda mais a consciência do protagonista a se fundir em mais do que uma possibilidade de existir para o mundo. Sem ser o marido de Helena, nem o filho sonhado por Carolina Máximo, sequer o noivo defunto de Maria da Paz, esse homem sem nome, sem passado para definí-lo não se faz junto às expectativas criadas sobre sua imagem. É importante notarmos sobre o outrem dessa história: ao envolver os mundos possíveis de Tertuliano e António, impede, no entanto, os duplos de se ajustarem. Isto, levando-se em consideração o momento no qual o ator está assumindo um papel incompatível a sua condição e o professor, o ator nunca visto. Aqui não podemos apontar para uma direção indicativa de certo ou errado no comportamento destes personagens os quais trazem em si o duplo por definição. Se instala no protagonista duplicado a vontade da descoberta – outra

vez contrariando seu interlocutor, o Senso Comum – a primeira necessidade de saber quem era o outro com a sua imagem e semelhança. Agora persiste o desconhecido a se reestruturar segundo o olhar desse homem sem pilastra onde se escorar: o terceiro sentido a se alcançar com a perda do provisório.

O duplicado sem oportunidade de retificação, descobrindo-se Outro para um Outrem inexistente, realiza o deslocamento no qual se destaca o “mundo do perverso”, um “mundo sem possível” na expressão de Deleuze (2003, p. 329); é exatamente onde o Senso Comum já não domina, a localização dessa nova imagem de Tertuliano Máximo Afonso. Morto aos olhos do mundo, contudo, vivo sem poder se mostrar ou saber quem é. Não se trata mais de reconhecer como verdadeiro, justo e belo aquilo que todos reconhecem como tal ou ainda identificar o marido de Helena como o futuro astro de cinema, porque foi ele quem morreu no acidente na pele do professor de História. Algo mais profundo aconteceu advindo da duplicação. Algo do qual o bom senso não tem lugar e o senso comum se incomoda: Tertuliano pensar por iniciativa própria. Convém atentar que tal reação inflete num modo específico de pensamento com intensidade inédita no ponto em que o espírito se desorganiza, por onde se vê o mundo rachado do personagem.

A diferença colocada em termos a ser esquecida pelo Senso Comum, ao contrário, Tertuliano Máximo Afonso pretende salientar destoa do *common sense* na avaliação das relações corretas, no olhar adestrado junto da opinião corrente e exercitado no uso do mundo. Prevalece no homem do paradoxo já livre de dogmas, limitações e teimosias, o modo peculiar de viver ainda por se firmar. Em tempo: também não garante a estabilidade conforme às palavras e o gestual podem resolver, sequer haver consenso entre o desejado – ser e o

vazio ainda mais intenso, sem imagem para se espelhar. Podemos nos certificar de que o protagonista atua homólogo a um vetor, consistindo em duplicar a própria representação em face da “potência dos traços de expressão emancipados” (RANCIÈRE, 1999, p. 07) ou pelo menos na cadência de se emancipar, visto o deslocar ser uma constante em seu trajeto existencial.

Em *Diferença e repetição* (2006), Gilles Deleuze aprimora a discussão acerca da identidade enquanto definidora do mundo da representação, da falência desta em se tratando do mundo moderno norteados pelos simulacros. Ao pretender pensar a diferença em si mesma, o autor explora a repetição como aquela que disfarça e se desloca num diferencial. Neste sentido, o livro encaminha-se a uma terceira via cujo acesso é o da coerência em busca de um tempo presente marcado pela probabilidade de se deslocar, o aqui-agora modificado, sempre recriado. Então, se houver a possibilidade de uma repetição, a mais exata é aquela cujo correlato é o máximo da diferença. O livro se concentra nisso, primando pela relação com o insubstituível pois tratamos de conduta como ponto de vista e, portanto, de cunho eminentemente humano.

O homem do senso comum acostumado a procurar a diferença em meio a repetição, se surpreende quando é ignorado em meio à potência do atordoamento, da embriaguez dos acontecimentos, da crueldade e mesmo da morte como aquela fugitiva à repetição inesperada. Logo, a representação ao recusar o senso comum procura afirmar a divergência e o descentramento indo ao encontro do obscuro, das diferenças livres contestadoras da noção de modelo, cópia subjacentes à idéia de representação. Por este motivo, o sujeito pensante contrariando o senso comum é quem dá ao conceito seus paralelos de subjetividade, memória, reconhecimento, consciência de si. Tal é a pretensão do

senso comum: igualar. A diferença de pensamento busca representar como sendo a diferença sob a identidade do conceito e do sujeito pensante; assim que bom senso e senso comum se aliam procurando subordinar a diferença à semelhança, vem à tona a intensidade como projeto da diversidade.

O negativo negado como limitação sob a forma de oposição, projeta o sujeito pensante de acordo com os argumentos de Deleuze, em direção à multiplicidade problemática sem a qual não se pode testemunhar sobre diferença sequer da repetição. A representação neste âmbito requer da identidade do conceito o lugar onde caibam o ser ainda por se efetivar e as conquistas vindouras. Portanto, extraída a idéia da repetição como conceito mecânico, o sujeito pensante determina como fundamento o idêntico, enquanto compreende a diferença do objeto de pensamento. Dessa forma, o sentido procurado – instaurado o mundo da representação – o fundamento não mais se alicerça no idêntico e, sim faz a representação ser infinita. Fundar para Gilles Deleuze, é próprio do homem cujo pensamento encobre o senso comum para dobrar, recurvar o absorvido como realidade dada em função de sempre fundar a representação de acordo com os inúmeros pontos de vistas sempre em divergência.

*Diferença e repetição* mostra em termos de como o homem pode vencer o senso comum, se concentra no ponto fulcral onde o mundo do fundamento é minado justamente aonde ele tenta excluir: com o simulacro a absorver ou evaporar. A multiplicidade vencedora do mesmo também se cerca da desrazão a fim de compartilhar do princípio segundo o qual fundar é determinar o indeterminado. Longe da aparente simplicidade, Deleuze contrariando o *cogito* cartesiano vê que a forma pura e vazia do tempo constitui a diferença no

pensamento, mais perspicaz e condizente com a natureza humana. O ainda não pensado, o sem-fundo contribui para haver a rachadura do *Eu*, já anteposta pela divisão do bom senso em senso comum esfarelados ambos pela energia vital dos simulacros. Tal pressuposto disruptivo encontra solo frutífero na Literatura consoante a população do romance às voltas com oposições instáveis. Cumpre reiterar, em Deleuze “centrar o texto literário no personagem em detrimento da ação, fazer do personagem o motor da fábula.” (RANCIÈRE, 1999, p. 10) Equivale a observar em *O homem duplicado* as instâncias acima mencionadas.

O simulacro, localização do diferente por intermédio da própria diferença, afirma a divergência e o descentramento, por isso o senso comum se sente desorientado por não suportar o caos atualizador da idéia de multiplicidade, constituidora da singularidade cuja pretensão é se fixar. Como professa Deleuze, “o problemático é um estado do mundo, uma dimensão do sistema e até mesmo seu horizonte, seu foco (...)” (2006, p. 387) algo desvigorante ao senso comum, sempre em busca da unidade, da convergência do pensamento numa unidimensionalidade capaz de ser objetivada enquanto solução final de um problema, da vida de forma geral. Ao contrário disto, o sujeito pensante tem no caos o elemento recolhedor em si do ser dos problemas oferecendo o valor persistente do problemático como forma de inserção no mundo cujo movimento é o das relações. O recorte da individuação neste aspecto encontra no mundo perceptivo a estrutura-outrem; é bem verdade que o fator individuante se faz na intensidade da solidão sem reparo mas, também, é certo que ao passar do olhar estruturado por outro para uma percepção mais apurada segundo o próprio ponto de vista, o sujeito pensante é



mais ele mesmo porque consciente da idéia de multiplicidade, sua construtora. Logo, sujeito por si e não segundo os ditames do senso comum.

O eterno retorno descrito por Nietzsche é retomado por Deleuze para entender a repetição extraída na diferença. Se a repetição se dá e se o significado repete-se, abolida suas significações como primeira condição, o homem interfere quando o incondicionado volta enquanto produto do eterno retorno do diferente. Cabe a ele identificar o eterno retorno, sinônimo de verdade ainda não alcançada e não expressa, sendo exatamente a ocasião na qual o senso comum deixa de ter força coercitiva em decisões pendentes. O homem conduzido pela diferença à vista, tomado por ela se torna capaz de se ver como seu semelhante, abre-se à metamorfose do que é, pensa, sente. A angústia oriunda desse processo define o contorno do pensamento seletivo e a repetição no eterno retorno como o pretense ser seletivo. Este ser está acima da calma proposta pelo senso comum, da passividade de suas energias restritas ou do grande homem ativo pronto para os problemas, certo das respostas solicitadas. Algo inicialmente cogitado por Deleuze, depois afirma com convicção sobre o retorno se fazer através do Diferente, o Dissimilar, enfim, do excessivo não contestável porque sua peculiaridade é retornar e ainda mais forte quando ignorado.

A dessemelhança, o díspar, o acaso, o múltiplo e o devir marcam de forma peremptória a diferença a qual a repetição persegue e só conquista para a representação enquanto há subversões; não apenas de conceitos mas de práticas, das práticas assumidas pelo sujeito pensante como sendo suas e não de outrem. Só assim o simulacro não passa despercebido sendo capaz de descentrar o idêntico, desfigurar o semelhante e desviar a consequência

prevista. Ao simular o idêntico, o semelhante e o negativo, o simulacro percebido pelo homem saído do reino das aparências é, faz a diferença digna de repetição, conforme atesta Gilles Deleuze. A distinção entre os atributos necessários para a irreversível queda do senso comum ocorre quando na representação, é o próprio ser quem determina-se e não aquilo do qual se diz. Ao contrário, ele se diz nos momentos de ação, é, com a coerência necessária “segundo formas que não rompem a unidade de seu sentido; (...) aquilo de que ele se diz é a própria diferença.” (DELEUZE, 2006, p. 417). Esta, tão indispensável para o homem pensante que sua vida não se desvincula da busca necessária a se fazer, ser em estado de excesso.

A obra de Deleuze consolida na repetição a conduta precisa em relação ao insubstituível, acaba com isso em transgressão. Há perseverança no sentido específico do movimento capaz, sobretudo de comover o alheio a toda representação; dessa forma, o homem predisposto a isto experimenta o oco, vive o problema das máscaras tentando desvendá-las, preencher a falta por meio do absolutamente diferente. A repetição entra como elemento, primeiro desejado pelo senso comum, depois como fator terrível porque desconhecido. Seu princípio constitutivo é compreender o Outro enquanto compreende a diferença que o transporta e o constitui. Isto guarda certa relação a despeito da duplicação. O original em pauta longe de ser creditado a um dos personagens em questão, forma uma figura emblemática cujo destino da vontade ruma em direção a seu aniquilamento.

Acompanhando o pensamento de Deleuze vemos sobre a repetição o fundo emergindo à superfície sem deixar de ser fundo, algo a gerar o estabelecido fincado na diferença. O senso comum ou o bom senso quando

vistos como qualidades do juízo são entendidos pelo princípio de repartição, tipo mais bem partilhado. Ora, se a diferença for requisitada e se o senso comum determinar onde ela deva aparecer então não tem sentido firmar a partilha independente do resultado se, guiado pelo bom senso. Estrapoladas as estruturas sedentárias arquitetadas pela *doxa*, a representação neste instante amplia-se com os distúrbios subversivos dada as distribuições nômades tocadas pelo desnaturar das questões fixas.

O ser do devir sempre à frente, este ser sempre propício a se modificar através das formas extremas é o desencadeador de toda a desigualdade sem a qual não se pode falar de retorno; o ser repetível na diferença e na seleção desta é o conveniente à representação. Esta, atenta ao infinito, descobre em si o tumulto, a inquietude e a paixão acima da calma aparente do que é especificado, bem conduzido, organizado. Assim, a dualidade é aceita na representação como algo de positivo e não como alguma coisa a ser aniquilada na intenção da diferença acontecer, dada a pujança imposta frente à repetição. Na insuficiência e por intermédio da metamorfose bem como do caráter incondicionado, o ser do devir proporciona ao pensamento a produção do provável diferente.

Para Deleuze, a literatura é lugar privilegiado afim da diferença e repetição acontecerem porque o (não)-ser é questão persistente, válida no estágio de caos = cosmo onde se mantém os acontecimentos e os complica por meio do problemático, sempre bem-vindo neste universo. Através deste esforço, a simultaneidade, a coexistência do idêntico ou daquilo a se projetar na diferença ou mesmo na repetição observada é o passaporte para conduzir os personagens nas histórias de vida presentes em cada movimento, em cada

modo de ser, sentir. O tortuoso disso tudo é a pertinência, o agradável na leitura quando se elimina quaisquer pressupostos e é a vida de cada ser presente o motivo válido para o retorno do problemático, nutriente da literatura. Disso o autor de *Diferença e repetição* aproveita e enfatiza sobre a Filosofia estar atrasada em relação à Literatura posto que a primeira tenta valorar o pensamento sem conjecturas enquanto a segunda maneja-o procurando novos sentidos tão válidos quanto não encontrados. Trajeto do senso comum como forma de pensar, uma elimina-o como se a natureza reta e a boa vontade fossem típicos de quem saiba o significado de tal ato. A outra não o descarta colocando no devido lugar o paradoxo ou rejeitando o irresoluto, anima-os, inclusive dando uma personalidade como é o caso do romance *O homem duplicado*.

O senso comum como forma de identidade e o bom senso como norma de partilha se completam na imagem do pensamento enquanto duas metades da *doxa* conforme deseja Deleuze. A Filosofia recusa a *doxa* e a Literatura ao não descartá-la, conclama-a para ser o amplo espaço da sensibilidade com a qual o sujeito pensante conta para se mostrar, dizer quem é ou mesmo procurar saber quem seja. O diferencial é quando o senso comum vencido no quesito convenção, mostra concórdia de faculdades discutidas; com isso perde em poder de convencimento pela força integradora dos problemas sem semelhança nos quais o homem vive e é capaz de pensar. Como atesta Deleuze, a destruição se dá na “imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento.” (DELEUZE, 2006, p. 203). Nisso podemos afirmar com tranquilidade: o personagem Senso Comum esmorece nas oportunidades onde Tertuliano Máximo Afonso se impõe

pela insatisfação dos acontecimentos; sem procurar a origem da duplicação, começa a pensar sem intermediário e assim vence o comum de sua situação vivencial.

O senso comum intratável se os acontecimentos saírem dos eixos também se arrefece com a coexistência dos contrários, isto força o pensamento a agir, não mais sob o foco da opinião e sim na intensidade do futuro sentir. Por isso, o sentido não se vincula ao simples levantamento do problema – típico do senso comum – importa é o sentido visto no próprio problema, fato fora de cogitação em se tratando do alcance do bom senso. A diferença, destaque da obra de Deleuze, se localiza por meio de questões referentes ao quanto, como, em qual caso e quem, sem elas não pode haver acontecimento, sequer multiplicidade quando há menção à repetição. Havendo oposição do pensamento a toda forma do senso comum, inicia-se para o sujeito pensante o exercício de ser, digno de representação porque haurido de um saber incontestado, dá-se o saber da divergência.

Se no livro de José Saramago os personagens se movem sob o signo de uma origem entre eles, em Deleuze vemos: “uma origem só é assinalada num mundo que contesta tanto o original quanto a cópia;” (2006, p. 285) embora Tertuliano e António se detenham por certo tempo em saber quem nasceu primeiro, na busca de um elemento mesmo ínfimo capaz de diferenciá-los, o modo de ser de ambos conota a inexistência do original (em termos de se cristalizar pelo sentido) que a cópia quer imitar. No encontro de dois mundos “o original, a personagem inimitável e que não imita, é também a singularidade que se opõe ao par mimético do modelo e da cópia (...)” (RANCIÈRE, 1999, p. 13). A prevalência de qualquer deles só pode acontecer se a figura heróica do

suposto original mostrar seu sentido em ato. Podemos assegurar que isso acontece à medida que o personagem se mostra apto a romper os laços não apenas com o Senso Comum mas, com todo tipo de modelo ou cópia. O filósofo, contrário a Descartes e sua busca pelo verdadeiro apontando ao cristalino fora de dúvida, particularmente na ação do senso comum e do bom senso, nos oportuniza a ler o claro e o distinto da história do professor vinculada a do artista; mostra o aturdimento provocado na aparição do obscuro, o efeito é ainda maior se mesclado à aparente claridade dos acontecimentos. Daí porque o artista Daniel **Santa-Clara** (grifo meu) não explica nem justifica a vida do homem António **Claro** (grifo meu) de quem Tertuliano **Máximo** (grifo meu) Afonso não adquire estatura existencial mínima para se falar de um Eu em perspectiva; até chegar à possibilidade de se mencionar o Eu rachado proposto por Gilles Deleuze. Daí alçar vôo até chegar a avatar com base no múltiplo instituído pela duplicação.

Conforme discutíamos anteriormente, as interferências do personagem Senso Comum no romance *O homem duplicado* induzem a uma interpretação na qual a diferença e a repetição se desnorteiam como na ocasião onde houve a revelação daquele “quase seu outro eu” (SARAMAGO, 2002, p. 24), Tertuliano Máximo Afonso entra a discutir com o Senso Comum – até então presença constante – sobre qual ação adotar. Este reclama sensatez para tratar o assunto como uma extraordinária coincidência; o melhor a fazer era não procurar o desconhecido, nessa conversa o Senso Comum sai diminuído afinal é definido no livro como o mero “capítulo da estatística” (2002, p. 66), justamente por ser comum. Deste personagem temos como auto-definição:

“sou a mais previsível de todas as coisas que há no mundo” (2002, p. 222). Por que justo o Senso Comum será a companhia mais presente do duplicado?

Há uma desmistificação do uso da razão para promover a felicidade do homem já antecipada pela entrada do senso comum na narrativa com *status* de personagem; sua atuação gira em torno da advertência, questionar Tertuliano com a filosofia de deixar as ações para amanhã; prever na descoberta do “sósia”, uma máquina trituradora; apontar a atitude vergonhosa do uso do nome e endereço da namorada no intuito de descobrir Santa-Clara; aconselha a esquecer a história inacreditável de duplicação. Pensa por Tertuliano, para ser quem é a única possibilidade seria parecer outro. Enfim, o Senso Comum participa da narrativa, mostra como o espírito humano pode variar e mesmo se debater ao se encontrar num tumulto interior. Dissociado, o homem fica na iminência do deslocamento para só assim estipular a performance pela qual deseja ser conhecido.

Propor uma leitura do homem inserido neste contexto é vê-lo desenraizado da idéia de consenso. Por ser desta forma, refuta ou ignora as colocações do senso comum ao encaminhar o pensamento a se fazer por iniciativa própria. À consciência criada após se perceber duplo faz do homem desse romance para além de um ser propenso à repetição, ser aberto ao diferente, à intensidade da individuação procurada. Se o bom senso enquanto repartidor desaparece para os personagens na medida em que eles não aceitam dividir a vida, também desaparece o poder de persuasão característico do senso comum. Ele já não acompanha o protagonista na definição de sua subjetividade, na suposta identidade entre o jeito de ser de Tertuliano e aquilo proposto como ideal da consciência moldada por aquela espécie de alter-ego,

o Senso Comum no início da narrativa. Ambos ultrapassados, o bom senso e o senso comum no processo de individuação do duplicado subsumem ao compasso de alternativa aos diferentes Eus na nossa observação. Tentativa de equivalência única, o paralelo a se buscar nas camadas da interioridade desfeita, a se fazer embora sem se identificar. O muro de pedras livres de Deleuze auxilia na angulação desse personagem instalado na aporia de sua vida.

O delírio de ser o duplicado, a vida paradoxal em ser um ideal imaginado e ao mesmo tempo não ser nada do que aparenta faz do homem desse romance alguém na iminência de se pensar, pensar o diferente, negar o consenso da aparência em seguida denunciar o igual. O caminho para se escolher longe de ser identificado com a direita ou a esquerda fixadas pelo Senso Comum do passado, também não serve de antecipação para o desigual em si. No mundo aonde Tertuliano vive, o fundo é a morte, sua companheira em vida pois aparentemente é António Claro. A metamorfose em vista não sendo algo dado ao transcendental é, ao contrário, predisposto ao tortuoso; o desigual se antecipa como paisagem da existência a ser descoberta. Tão problemática quanto uma escolha a se fazer, ela procura atalhos – ora a duplicação comprovada, ora a ameaçada – porque o ser humano nesse romance não é igual ao outro. Na compreensão de Gilles Deleuze, “é porque nada é igual, é porque tudo se banha em sua diferença, em sua dessemelhança e em sua desigualdade, mesmo consigo, que tudo retorna.” (2006, p. 342) Retorna como o diferente a ser apontado, aquele ou aquilo cuja capacidade é suportar a prova. Assim como o “Claro” de António se confunde com o “Máximo” de Tertuliano por sua lógica de significado desfeita, o



distinto/obscuro os acompanha em vida e na morte concretizada quando não podemos identificar quem de fato existe.

O Eu se anulando junto ao Eu da conformidade desfeita, antes exigida pelo bom senso e o senso comum forma a intensidade da diferença interiorizada pelo homem da narrativa. Então a individualidade em pauta no momento mais frágil do Senso Comum, o impede de se manifestar, por sua vez António Claro não existe através de um corpo palpável, é a ocasião específica da subjetividade periclitante. Homem confuso, obscuro nas palavras não pronunciadas, inalcançável pelos gestos, manifesta um modo de ser no qual a diferença pretende se repetir.

O homem guiado pelo Senso Comum até a descoberta da duplicação almeja representação num mundo sem identidade fixa. Duplicado, ele tem na repetição o item para a diferença, a outra face explorada; sem disfarce, visto o rosto ser o mesmo, o sujeito pensante após a descoberta inusitada não se localiza como ponto de mutação porém, na terceira opção imprescindível de recrutar. Isto, contudo, está longe de uma coerência ditada pelo bom senso observada a situação pelo ângulo da objetividade; vigora então o deslocamento do notório a exemplo das lições de História, do comportamento a adotar estando numa situação imprevista (análoga a reação quando o professor de Matemática lhe toca o ombro). Ocasão na qual se destoa o sorriso, não acontece o acolhimento do amigo, da namorada, da mãe, do diretor da escola; não tem as palavras adequadas a dizer à Helena. Tal desnorteamento marca a impotência com que o senso comum passa a ser visto no enredo.

Assim, a diferença palpitante extraída da vida de António e Tertuliano – para nós, a diferença requisitada pelo homem comum enquanto ocupante de

um lugar existencial – caso haja a possibilidade de uma repetição, a mais certa é aquela correlata ao máximo da diferença em ser por si mesmo, como tudo indica ao final da narrativa. Insubstituível no modo de se mostrar ao mundo, o homem não mais sob a influência do senso comum ou do bom sentido a ser exibido, vem a ser o homem multiplicado de acordo com a indefinição; o lado obscuro já impossível de abafar. Dessa forma, a representação desaconselhável aos olhos do Senso Comum se afasta, contraria a noção de modelo, de cópia possivelmente por trás da máscara da duplicação. O gosto por viver, *o modus vivendi* mascarado de António assumido por Tertuliano quando não tem mais vida própria é o motivo condutor desse homem da terceira via, a não se igualar em alternativas prováveis. Sem dúvida é intenso o momento vivido pelo falso Tertuliano, sem ser o António conhecido de Helena, a diversidade passa a ser algo tão inadiável a ponto dele preferir a não opção, por isso adia o quanto pode. A aceitação da vida pronta oferecida pela esposa de António bem como o encontro se houver, incorre na falta de obviedade por causa da recusa na conciliação, o conformismo, a imobilidade característicos do Senso Comum. Nesse momento é incondicionalmente a postura do homem recém-saído(?) da duplicação.

O ser pensante cujo rosto não é mais o do artista de cinema Daniel Santa-Clara perdeu o espelho em quem se mirar, se transforma no ser de multiplicidade uma vez que as questões primordiais da existência pululam à sua frente sem encontrar projeção. Não é somente a prática de si, responder às pessoas na expectativa dele continuar uma vida alheia, é, acima de tudo sua inaptidão referente à identidade totalmente desfacelada. Assunto discutido por Deleuze, aproveitamos para fazer um paralelo com o romance *O homem*

*duplicado*. Vejamos. Podemos pensar a repetição anunciada do início ao fim da narrativa, não em termos mecânicos de uma vida a gerar outra mas, a repetição do inexplicável; de algo não imune a confundir sequer a esclarecer. Perfaz a enormidade dos problemas junto da pequenez humana em se fechar com as soluções rápidas, certas de acordo com o esperado pelo senso comum. Por isso, vemos no “Máximo” de humanidade estampada no protagonista do romance, o consenso sobre a percepção do ser humano em se colocar como um problema – na narrativa, um erro – não a ser consertado porém, um erro capaz de dizer à subjetividade explícita do livro qual seu papel. Depois mais desenvolve-se propõe, se observa e, muitas vezes é encarecida por outra subjetividade em busca dos mesmos questionamentos.

O sujeito pensante saído há pouco da duplicação mas sem fundamento para o amparar, procura compreender, fazer a diferença até do pensamento. Não há igualdade capaz de arrefecer e se esta pode ser vista enquanto promessa – é o caso da ligação recebida – o sentido no horizonte instaura a infinitude da busca humana. O interstício, a dobra e o recurvar da realidade que o personagem tenciona fazer ao se encontrar sozinho no mundo sem duplicação, funda a representação então com inúmeros pontos de vistas convertidos por intermédio da divergência.

Extrapolada toda a possibilidade de fundamentação, o excludente na trajetória do duplicado, porque não a existência do homem comum? – embora seja um comum sem sentido único – chega até a problemática de existir enfrentada pelo homem ao longo de sua vida. Sozinho no mundo mas sentindo-se em multidão por causa da multiplicidade dos modos de ser presentes em si, o personagem principal tem mais a vencer além do Senso

Comum ou da voz inibidora ao telefone. A começar por determinar o indeterminado, o sujeito pensante no passado já foi o Professor de História detentor das respostas prontas aos fatos acontecidos, agora se vê na iminência de viver o ainda não pensado. A História, a sua história do presente representa o sem-fundo com a energia da propensão.

Podemos perceber que da descoberta da duplicação ao desfecho sem ser o término, a inquietude percorre a interioridade do personagem duplicado pelo fator humanidade. Quando não há mais alguém a quem recorrer, quem possa responder com as palavras esperadas, a diferença freme onde o descentramento se ajusta. Sobrepõe o caos das fitas dispostas na mesa enquanto representavam a possível resposta para o caso intrigante do professor se ver no corpo do ator, o caos/cosmo preponderante é o desnorteio. Há a sensação do insuportável, o vazio sem possibilidade de preenchimento. O sujeito pensante em pleno caos, recolhe em si o ser dos problemas como forma da inadiável inserção no mundo das relações. Longe das amarras do Senso Comum, o fator individuante é causa para a procura iniciada ao final do romance com maior intensidade além até da apresentada no começo da narrativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 2006

FERREIRA, Rita de Cássia Silva. **O homem duplicado: a subversão das identidades**. Rio de Janeiro, 2004. 97 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005

RANCIÈRE, Jacques. Deleuze e a Literatura. Tradução de Ana Lúcia Oliveira. In: **Matraga** nº 12, Rio de Janeiro: 1999. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/arquivo112.htm>> Acesso em: 08/09/2007

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

\_\_\_\_\_. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

\_\_\_\_\_. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

\_\_\_\_\_. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006